



HOMOSSEXUALIDADE E ESPIRITISMO: QUANDO AS SOMBRAS SUFOCAM

Autor Francisco Jomário Pereira

(UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, jomariocp@gmail.com.)

RESUMO: Este trabalho busca analisar o homossexualismo na ótica da religião espírita, na cidade de Campina Grande, no Nordeste brasileiro. O estudo investigou as formas de percepção e representação social que os homossexuais adquirem de acordo com a perspectiva da comunidade espírita. Constata-se que há um maior nível de aceitação dos indivíduos homossexuais, no ambiente do espiritismo. Entretanto, constata-se, também, que a delicadeza do tema não favoreceu uma averiguação no interior do espiritismo. O suposto nível maior de "aceitação" no espiritismo também esbarra em limites relativos à sua análise. Observamos que os homossexuais que frequentam os centros espíritas não se sentem com total liberdade para discutir o assunto - mesmo que haja um número considerável de participantes homossexuais no centro. Em geral, observamos que as discussões sobre a homoafetividade e práticas homossexuais são lançadas às sombras, como uma forma de preservar o homoafetivo e ao mesmo tempo salvaguardar a imagem da instituição e da religião. Nos deparamos com muitas reservas, tanto da parte dos frequentadores, como das lideranças religiosas. Entretanto, a análise das informações recolhidas sugere a relevância de estudos posteriores.

INTRODUÇÃO

De que modo a religião pode interferir – e qual o teor dessa interferência - na vida de uma pessoa que segue uma orientação sexual, diferenciada daquela que todos julgam como "a certa e a normal". De que forma um indivíduo religioso se sente impelido a seguir os dogmas religiosos a contragosto pessoal, deixando de lado a experiência e a prática sexual e da sexualidade? Partimos desses questionamentos para tentar compreender como ocorre o processo construção da representação social de homossexuais praticantes do Espiritismo em Campina Grande

Certamente, não é insignificante o número de pessoas que frequentam os centros espíritas que se reconhecem como homossexuais, homoafetivos, gays, lésbicas,

dentre outros. Entretanto, em minha experiência pessoal¹ e de pesquisador, esses frequentadores não se apresentam abertamente como homossexuais. Da mesma forma que os praticantes não assumem uma identidade homossexual perante o Centro, o tema não é abertamente discutido em palestras e cursos oferecidos por Centros, bem como no meio acadêmico das Ciências Sociais. Ou seja, trata-se ainda de um fato que merece maior aprofundamento.

Da inexistência, ou da falta de "luz" a respeito deste tema é que surge o subtítulo, quando as sombras sufocam. Não fomos capazes, ao menos até este momento, de catalogarmos e lermos trabalhos consistentes

¹ Sou praticante e frequentador de Centros Espíritas em Campina Grande.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sobre a temática sexo/homossexualidade/espiritismo, nossa pesquisa carece de um aporte teórico maior e mais consistente, tendo em vista que as discussões sobre o mundo homossexual são mais frequentes e direcionados aos estudos da Umbanda e Candomblé, mais recentemente ao universo pentecostal e neopentecostal. No espiritismo, esse tema ainda apresenta-se como um campo que se abre para a investigação.

Portanto, espiritismo e homossexualidade: quando as sombras sufocam, representam meu anseio em compreender qual a posição social que os homossexuais ocupam dentro desta Religião que é histórica e que vem crescendo no Brasil. Com isso, poderei; ao compreender a abrangência do problema enquanto campo teórico de análise, poderei também, ser um beneficiado, por minha escolha pessoal e poder refletir até mesmo qual a minha *posição* nesse universo religioso. O que temos observado é que o tema sexo ou homossexualidade quase não é discutido durante as reuniões públicas, nos centros espíritas, a mesma lacuna observamos na literatura espírita, onde os livros do Pentateuco² não abordam essa temática, ficando a cargo dos romances espíritas que

² É composto pelos livros: dos Espíritos, dos Médiuns, o Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e O Inferno, e por fim a Gênese, esses livros são a base do espiritismo.

tentam elucidar tais questões, e por muitas vezes são carregados de preconceito e homofobia, são só quanto ao sexo entre pessoas do mesmo sexo, mas em relação ao sexo como um todo.

Assim sendo, buscamos apresentamos um panorama teórico em relação a Religião, por um viés clássico da Sociologia e Antropologia, abordamos a teoria antropológica que trata do campo religioso brasileiro, especificando as nossas particularidades para com a pesquisa. Aprofundamos construindo um diálogo que versa sobre a existência do preconceito nas religiões brasileiras, catolicismo, protestantismo e espiritismo, além de traçarmos um perfil histórico de transformação desta religião ao chegar no Brasil. Por fim, apresentamos a discussão a respeito da existência de preconceito contra homossexuais, e dessa vivência nos centros espíritas de Campina Grande.

METODOLOGIA

Nosso esforço teórico esteve sempre balizado metodologicamente pela Antropologia e Sociologia. Nesses termos, nossa pesquisa de campo foi desenvolvida no ano de 2014, mais precisamente nos meses de junho e julho. Como forma de coletar os dados, escolhemos a "observação participante/participação observante" Durham (1986), tendo em vista que nos propomos a fazer de início uma



etnografia de um Centro Espírita. Para atingir o objetivo desejado tivemos que "transformar o familiar em exótico" DaMatta (1978) exercício tão necessário para manter o distanciamento e o estranhamento com aquilo que nos parece tão familiar e já conhecido.

A característica mais marcante do trabalho de campo antropológico como forma de conduta é que ele não permite qualquer separação significativa das esferas ocupacionais e extra-ocupacionais da vida. Ao contrário, ele obriga a essa fusão. Devemos encontrar amigos entre informantes e informante entre os amigos; devemos encarar as ideias, atitudes e valores como outros tantos fatos culturais e continuar a agir de acordo com aqueles que definem os nossos compromissos pessoais; devemos ver a sociedade como um objeto e experimentá-la como sujeito. Tudo o que dizemos, tudo o que fazemos e até o simples cenário físico têm ao mesmo tempo que formar a substância de nossa vida pessoal e servir de grão para o nosso moinho analítico. No seu ambiente, o antropólogo vai comodamente ao seu escritório para exercer um ofício, como todo mundo. Em campo, ele tem que aprender a viver e pensar ao mesmo tempo. (GEERTZ, 2001, p. 45).

Nos preocupamos em guiar a nossa experiência de campo seguida do que denominou Roberto Cardoso de Oliveira as três faculdades do campo: o olhar, ouvir e escrever³. Olhamos o que já havia visto muitas e muitas vezes, ouvimos as histórias que muitas vezes eram quase minhas (ou não), mas agora com outra interpretação, outra significação. Minayo (2008) foi e continua sendo de extrema contribuição durante o percurso do olhar e ouvir e

³. Consultar Roberto Cardoso de Oliveira, O Trabalho do Antropólogo. 2006.

interpretar; e este percurso pode ser pensado como

um processo pelo qual o pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é pessoalmente modificado. (MINAYO, 2008, p. 70)

Conforme reconhece Oliveira, apenas o olhar e ouvir por si não responde as inquietações dessa pesquisa, principalmente quando se é tão próximo do objeto estudado, tornando-se, em alguns momentos, o próprio objeto de estudo, foi necessário o afastamento psicológico, e o exercício de estranhamento tornou-se necessário. Tomando como princípio norteador a vigilância epistemológica, estruturamos nossa pesquisa não só na observação, mas em entrevistas semi-estruturadas⁴ onde gravamos o áudio para posteriormente, transcrevê-las. Vale salientar que nossas incursões a campo se deram durante os meses de julho e agosto, devido os motivos anteriormente expostos.

⁴ Todos os nossos informantes receberam pseudônimos. Buscamos assim, protegê-los de qualquer retaliação dentro de sua religião.



A técnica de pesquisa da entrevista se mostrou parcialmente satisfatória, tendo em vista que conseguimos extrair dados que em partes passaram a reforçar a nossa hipótese inicial.

A entrevista como coleta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Através dela os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos. Os dados objetivos podem ser obtidos também através de fontes secundárias tais como: censos, estatísticas, etc. Já os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois que eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados (BONI & QUARESMA, 2010, p. 72).

Ao todo foram realizadas apenas quatro entrevistas, pois o tema pesquisado se mostrou-se tabu entre os espíritas, conseguimos o depoimento de três homossexuais masculinos e uma mulher heterossexual todos frequentadores e “praticantes⁵” do Espiritismo.

DISCUSSÕES SOBRE O CAMPO RELIGIOSO BRASILEIRO E SUA INFLUÊNCIA NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Vivemos em um período em que as mudanças, principalmente o surgimento de novas religiões, bem como de novas igrejas,

⁵ Uns se colocaram como mais praticantes em relação aos outros, seguidores da doutrina, assíduos às reuniões entre outras tarefas desempenhadas.

ocorrem de modo rápido e constante, a sociedade passa por transformações, e como tal a Religião é afetada, passando por transformações sistemáticas que permeiam e perpassam as diversas classes sociais existentes, crenças, credos e raças.

As Ciências Sociais discutem as transformações pelas quais a Religião vem passando, e com as discussões surgem às dúvidas quanto aos fenômenos que ocorrem na religiosidade brasileira. Muitos acreditam que a Religião é uma forma evoluída das práticas dos nossos ancestrais, os quais se utilizavam da magia, feitiços, mágicos e curandeiros para obterem proteção, Marcel Mauss (1974) já nos mostrava que as práticas mágicas só acontecem mediante a interação social, a magia/mágico só será magia/mágico se for aceita socialmente a sua eficácia.

O valor mágico das coisas resulta da posição relativa que elas ocupam na sociedade, ou em relação a estas. Podemos dizer que, virtudes mágicas e posição social coincidem na medida em que uma produz a outra. Em magia trata-se sempre no fundo de valores respectivos reconhecidos pela sociedade” (MAUSS 1974, p. 154).

O mesmo podemos afirmar quanto a Religião, ela se institucionalizou, e só se realiza enquanto religião pelo fato de ter adeptos que confiam em seus poderes mágicos dados por um “ser divino e poderoso” que criou tudo que podemos ver ou tocar.

Reginaldo Prandi (1997) nos leva a refletir como a religião é entendida na



modernidade para podermos entender todo o processo pela qual ela passa. Prandi afirma que a teoria da modernidade nos diz que o mundo é desencantado, “por ela sabemos que vivemos numa época em que a sociedade se descartou em grande parte da religião e a religião, da magia” (p. 63), não será bem isso que encontraremos na literatura e nos dados estudados.

Analisamos o crescimento do Espiritismo no Brasil, ou seja, a religião de caráter mediúnico, onde crê-se que existe contato com os espíritos desencarnados, podemos afirmar que Prandi (1997) observa a questão por uma ótica diferenciada, tendo em vista que o Espiritismo busca explicações lógicas, pautadas inclusive no cientificismo, a muito se deixou de expor as mesas giratórias⁶. Essas teorias e suas? dúvidas a respeito do campo religioso contemporâneo brasileiro podem ajudar a compreender, as questões postas logo mais a frente.

⁶ Denominam-se manifestações físicas as que se traduzem por efeitos sensíveis, como os ruídos, o movimento e a deslocação de corpos sólidos. Umas são espontâneas, independentes da vontade humana, e outras podem ser provocadas. Trataremos inicialmente apenas das últimas. O efeito mais simples, e um dos primeiros a serem observados, foi o do movimento circular numa mesa. Esse efeito se produz igualmente em qualquer outro objeto. Mas sendo a mesa o mais empregado, por ser o mais cômodo, o nome de mesas girantes prevaleceu na designação desta espécie de fenômenos.

Quando dizemos que este efeito foi um dos primeiros a serem observados, referimo-nos aos últimos tempos, pois é certo que todos os gêneros de manifestações são conhecidos desde os tempos mais distantes, e nem podia ser de outra maneira. Desde que são efeitos naturais, teriam de produzir-se em todas as épocas. (O Livro dos Médiuns)

De acordo com os censos do Instituto de Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil sempre foi um país de maioria católica. O mesmo mostra também um declínio sistemático nas últimas décadas, em relação ao catolicismo, tido como tradicional, e o surgimento de algumas derivações formando assim um catolicismo à brasileira. Outras correntes religiosas surgiram derivadas de igrejas evangélicas, com essa fragmentação surge um espaço para o surgimento de grupos religiosos diversificados.

Em um contexto mais geral, Carlos Rodrigues Brandão nos apresenta o campo religioso brasileiro, ele descreve claramente como as religiões estão postas no Brasil, desde as tidas como mais tradicionais e nativas, ou seja, as de matrizes indígenas, as mais recentes a adentrarem no Brasil com os orientais.

Tomado no seu todo e na multiplicidade de suas diferenças, existem muito mais alternativas de afiliação religiosa. Afora as religiões, confissões e igrejas tradicionais e mais visíveis, como o Cristianismo Católico e o Evangélico (não-pentecostal e Pentecostal), o Judaísmo, o Espiritismo Kardecista e outras, é a cada dia mais viva a presença de antigas religiões orientais revisitadas e recém-estabelecidas no Brasil (o Budismo em suas diferentes variações seria o melhor exemplo) ao lado de neoreligiões de tradição oriental e, em menor número, ocidental. (BRANDÃO 2004, P.264)

Percebemos claramente a entrada, e revisitação de tradições esotéricas e religiosas



tradicionais no presente, e com uma capacidade maior de se aceitar um público mais diversificado e frequentadores sem lhes cobrar fidelidade, ao menos aparentemente.

José Jorge de Carvalho (1999, p 02) assevera “Sendo um pouco mais específico, podemos afirmar que essa variedade de movimentos, igrejas, seitas, cultos e grupos religiosos apresentam graus distintos de inserção na sociedade nacional, resultante de vários condicionamentos históricos e sociais” que facilitaram ou dificultaram o desenvolvimento de uma cultura religiosa, assim, podemos contestar a ideia de secularização na esfera religiosa brasileira, podemos de certo modo afirma que existiu uma fluxo maior no desenvolvimento cultural religioso, e não um desaparecimento da religião ao surgir um Estado laico, a laicidade do Estado Brasileiro não impediu o surgimento e crescimentos de novas religiões, entre elas o Espiritismo, a qual nos propomos analisar sob um viés contemporâneo.

Carvalho exemplifica quando nos oferece relaciona o dia comum de uma pessoa, e de como é fácil ao menos observando de longe, a transição que se faz de uma religião ou de um centro⁷ para outro.

⁷ Centro para Carvalho não é só o espaço físico onde ocorrem as reuniões, cultos ou missas, mais sim o centro do indivíduo, como ele desloca os possíveis centros religioso, psicológico que nele co- existem, e como se executa a dualidade religiosa.

Para dar um exemplo, o típico morador do Plano Piloto, centro do projeto modernista do Distrito Federal, quer pratique ou não alguma religião cristã, pode frequentar ocasionalmente feiras místicas, palestras em centros esotéricos e de Nova Era, experimentar com uma gama variada de métodos de meditação, manipulação de forças e energias espirituais. E no momento em que passar por uma crise mais séria em seu estado de saúde ou em suas relações inter-pessoais - seja no trabalho, seja na vida amorosa - pode ir a algum "centro" em busca de apoio espiritual. (CARVALHO, 1999, P. 3)

O que de fato torna interessante essa transição de uma religião para a outra é a facilidade, é como se passasse da sala para o quarto, o *ethos* religioso se fixa e permanece mesmo com toda a fluidez do “fiel” no campo religioso, percebemos esse fenômeno de forma mais clara entre os praticantes de religiões de denominação espíritas, sejam elas kardecista ou umbandista, tendo em vista as proximidades doutrinárias existente entre as duas correntes religiosas.

Ele não só ressemantiza aspectos do cristianismo, como introduz o mundo dos espíritos de uma forma agora muito mais ampla, complementando as doutrinas equivalentes praticadas pelas tradições esotéricas e pelas religiões afro-brasileiras. Tanto assim, que um ponto de mudança bastante decisivo nas características da religiosidade brasileira a partir dos anos trinta - resultado obviamente dessa interrelação crescente entre a Umbanda, o espiritismo kardecista e as várias tradições esotéricas - foi a re colocação das diferenças entre o nível psíquico (ou emocional) e o nível propriamente espiritual da experiência religiosa, questão importante e que havia sido praticamente abandonada pelo cristianismo. (CARVALHO 1999, p. 04)

Carvalho nos informa que a doutrina influencia o praticante, o espiritismo aqui dado como exemplo segundo Carvalho, é



composto por aspectos de outras religiões, fazendo com que os adeptos possam se identificar com as outras vertentes ao conhecer e manter contato com as mesmas, pois emocionalmente e psicologicamente falando, já existe no *ethos* espírita características de outras religiões.

Praticamente todas (religião) surgem a partir daquelas já existentes, como uma ruptura ou oposição praticada por pessoas que acreditam que sua religião não é mais verdadeira, se corrompeu ou fugiu dos princípios e não é mais fiel à revelação original. A partir daí, funda-se uma nova corrente que traz um novo caminho. (GUERREIRO 2006, P. 21)

O Espiritismo se distingue do catolicismo no dogma mais forte que é a ressurreição de Jesus Cristo, onde prega-se no espiritismo a reencarnação, colocando-se a baixo e rompendo em definitivo com o principal dogma do catolicismo, mas mantendo de forma velada alguns aspectos como a crença em seres elevados tais como Maria, Santo Agostinho e São Francisco de Assis. Rompe-se com a base, mas aspectos tidos como “aceitáveis” permanecem, flexibilizando assim a entrada e permanência de novos fieis.

A pluralidade de formas de se viver uma mesma religião pode ser grande, basta observamos as diversas Igrejas protestantes, evangélicas, pentecostais ou neopentecostais. Da mesma forma são os centros espíritas, eles não são iguais, não oferecem os mesmos cursos, a forma de se dar o passe energético é

diferenciado, assim, o que se encontra em um pode ser diferente em outro, os produtos e serviços são diversificados, não necessitando de uma iniciação para se receber um passe mediúnico com a ideia de se reenergizar, quando muito se exige é uma conversa previa para explicar qual a função e para que serve, e porque a “pessoa” procurou aquele serviço.

Em resumo, a diferenciação das instituições e a composição de novas práticas, por um lado, e a circulação de pessoas e dos conteúdos simbólicos, por outro, configuram uma espécie de pluralismo sincrético que diversifica, misturando o campo religioso contemporâneo. A religião não fica mais somente na igreja e na comunidade original, mas se desloca para outros lugares, assume novas feições e formas de vivência”. (Guerreiro 2006, p. 374).

Conforme se apresenta nas análises, o pluralismo religioso faz parte da nova face religiosa brasileira, deixamos de ser e passamos a ‘estar’, católicos, espíritas, evangélicos, tudo depende do momento que estamos vivendo, isso nos foi mostrado por nossos informantes, eles relataram de que forma chegaram ao espiritismo, e de forma eles compreendem essa religião.

Teve outra religião anterior ou nasceu em família espírita?

Tive religião imposta por minha mãe, a Presbiteriana. Sempre acreditei na espiritualidade. Lá na Bahia sabia de incorporações passes, rezas, despachos, aquilo tudo me fascinava e amedrontava, pois minha mãe cortava estas conversas, ou me afastava delas, quando eu estava perto. Como chegou à religião espírita? Cheguei através de uma amiga do ensino médio, espírita, que me chamava desde 2001 para o Centro. Só em 2005, tive coragem de ir, não no centro, mas no evangelho no lar, na casa dela, escondido de minha mãe, claro.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O que significa o espiritismo para você?
Uma doutrina segura no que orienta. Algo necessário a minha vida. Sei o que era antes do kardecismo, e posso dizer que vivo melhor depois dele. De ajudar, de me fazer útil, ser útil, o que muito me agrada.
(Baiano, 28 anos, homossexual)

A questão do ser ou estar será constante, não apenas nas teorias, mas observamos nos relatos essa mudança, ora fui católico, ora não participei de nenhuma religião, e hoje me considero espírita fato que pode vir a mudar, tendo em vista que mudanças anteriores ocorreram, mas não queremos discutir aqui o transito religioso, mas mostrar que a conversão existe, ou melhor, mostrar que o espiritismos vem crescendo, esse crescimento se dá da vinda de ex- praticantes de outras religiões.

Tive uma longa formação católica, eu só vim tomar consciência do espiritismo porque eu via minha avó lendo os livros espíritas, mas ela dizia que ainda não eram pra mim, isso eu estava no final da minha infância, começo da adolescência, eu tinha curiosidade pelos títulos dos livros que eu via ela lendo, eu cheguei ao espiritismo em 2010, foi um longo caminho, eu fiquei um tempo afastada das religiões em geral, depois eu passei a condição de simpatizante do espiritismo, até eu vim e realmente decidi ficar, hoje me considero espírita. (Da Luz, 46 anos, hetero)

Verificamos que a adesão ao espiritismo poderia estar relacionada a um crescimento, seja ele biológico ou espiritual, ao questionarmos um dos nossos informantes o porquê da mudança ele nos respondeu categoricamente: “porque eu cresci” (Sollis, 31 anos, homossexual) o mesmo é de berço católico, vindo posteriormente frequentar a

Assembleia de Deus, pois sua família se convertera.

O mesmo relata que ao chegar a adolescência já não acreditava nos dogmas cristãos, passando um período agnóstico, até que encontrou no espiritismo respostas, tornando a ter fé.

Podemos observar semelhanças entre os informantes Sollis e Da Luz, ambos passaram por um momento de afastamento do campo religiosos, vindo a encontrar um "novo dogma", ou respostas às suas dúvidas. Um fato que irá demarcar uma diferença entre Da Luz dos dois outros entrevistados é o fato de que os mesmos não frequentam os cursos oferecidos no Centro em que participam, segundo Sollis:

Nunca me interessei em fazer os cursos que o centro oferece, nunca me engajei, diferente de um amigo que eu levei, (nome do amigo) e ele participa de tudo e de todas as atividades, eu geralmente levo as pessoas, mas não me engajo não, eu sou espiritualmente autodidata. (Baiano (28 anos, homossexual)

Sim, gostaria de recomeçar os estudos e os trabalhos com os passes e as mediúnicas. Vamos ver onde vai dar.

Percebam que um destes se coloca na posição de autodidata; já o outro identifica problemas na estrutura e hierarquia do centro, tendo em vista que, necessita de um tempo maior de estudo de estudos, e para tal deve-se engajar em um grupo de estudos e de trabalho no centro. Trata-se de uma situação como se existisse uma hierarquia, e o meio de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

distinção seria o conhecimento, dedicação e tempo de serviço ao centro.

Aqui, nós pensamos que o fato de ser homossexual também pode influenciar na participação de grupos, já que o nosso primeiro informante, que aqui chamaremos de Miguel, jovem de 23 anos, estudante do curso de letras, se recusou a responder nossas perguntas, uma das respostas que obtivemos dessa tentativa de entrevista foi: “Não me sinto capaz de responder tais questões, já que o meu centro me aconselha a não discutir esse tema”. O informante citado é gay, e frequenta um dos centros mais tradicionais que existem em Campina Grande, o mesmo centro que Sollis, o outro informante, citou ao tratar de um caso de homofobia ocorrido na década de 90.

Eu sei de relatos, na década de 90, 95, 96, que o próprio Rossandro Klinjey relatou, mas isso faz 14 a 20 anos, isso na (***) , eu sei de relatos de homofobia, mas o próprio Rossandro Klinjey deu uma palestra sobre orientação sexual dentro da (***) e as pessoas o ouviram e ele foi convidado novamente.

Podemos observar nas falas que, se existe algum preconceito contra os homossexuais praticantes do espiritismo, constitui-se em fato que pode ocorrer de forma isolada. Ou seja, descentralizado. Isso se explica porque, o espiritismo não é uma religião una, é federada, a Federação Espírita Brasileira- FEB é responsável pelo credenciamento e reconhecimento social dos centros, podendo existir centros que se

diferenciam em relação ao período exigido para a federalização.

Por existir essa descentralização dos centros, cada centro pode seguir uma doutrina diferenciada, ou com mentor espiritual (por exemplo, André Luiz, Joanna de D’Angelis, Manoel Philomeno de Miranda) ligado a uma forma de pensar mais ou menos progressista, assim nos afirma Sollis.

Existe compatibilidade com o seu modo de ser e com a religião que você pratica?

De novo é uma pergunta que exige uma resposta mais complexa, no centro que eu frequento, aparentemente não existe uma homofobia institucional, ocorre que o espiritismo é uma religião, doutrina descentralizada, e cada teórico tem uma visão de mundo diferente.

A incidência de homofobia ou desrespeito contra os homossexuais vai depender da forma de se ler e interpretar os textos ao qual você ou o centro estará vinculado. Podendo ocorrer dependendo da leitura que se faça de suas ações enquanto espírita e homossexual, já que aparentemente o “problema” não estar no fato de ser, e sim de praticar, assim podemos recorrer a teoria das representações sociais visando compreender esse processo.

Na fala de Miguel poderemos observar a força que exerce um grupo em relação ao indivíduo, poderíamos fazer um resgate teórico referenciando Durkheim (1978), Jodelet (1984), Doise (1993), ou Ibañez (1988), mas recorreremos a, Serge Moscovici (2005) e sua teoria das representações sociais



para tentarmos compreender o que de fato é a representação social⁸, e como ela interfere no nosso modo de ser.

Moscovici⁹ (2005) nos afirma que todas as representações sociais são:

Por representações sociais, entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originados na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum. (2005, p. 173)

Assim, sua teoria afirma que as representações convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram, ou seja, elas dão uma forma definitiva, as colocam em um determinado lugar, assim, o espiritismo convencionou que o espírito não tem sexo, e que você pode nascer homossexual, mas pode optar simplesmente por ser gay ou não, como se fosse uma questão de escolha.

O autor Moscovici (2005) prossegue e afirma que as representações são prescritivas, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa afirmação nos remete ao o conceito de coercitividade em Durkheim (1970), assim, podemos compreender o porquê da resposta de Miguel: coloque a resposta entre aspas."não basta apenas

⁸ O termo representações sociais designa tanto um conjunto de fenômenos quanto o conceito que os engloba e a teoria construída para explicá-los, identificando um vasto campo de estudos psicossociológicos.

⁹ Inaugurou a teoria das Representações Sociais em sua obra seminal, *La psychanalyse, son image et son public* em 1961.

recebermos um conselho, mas devemos introjetar o conceito mental e a práxis, para podermos ser classificados como um indivíduo pertencente ao grupo. Nesses termos, a representação social ocorre, existe a identificação entre membros devido as suas práticas, ou não práticas, como o caso citado, o individuo pode nascer homossexual devido a problemas reencarnatórios, mas pode não se tornar gay, tendo em vista a não prática de atos homoafetivos.

As faces do preconceito de gênero

Conforme registros sobre o assunto, o surgimento do Espiritismo data do século XIX na França, fenômenos inexplicáveis começaram a movimentar a Europa, mesas giratórias e “inteligentes” chamaram a atenção do até então Hippolyte Leon Denizard Rivail, que viria posteriormente adotar o pseudônimo de Allan Kardec, tornando-se o codificador da doutrina que viria a florescer e ganhar espaço no Brasil.

Como nos mostra Leonardo Lewgoy (2008 p. 85) “Allan Kardec, o criador do espiritismo, encarnou como poucos o ideal racionalista do século XIX, quando a ciência, a filosofia da história e o determinismo passaram a tomar o lugar do voluntarismo subjetivo na imaginação moral”. Kardec é o grande expoente chamado de Mestre, pois foi o escolhido para codificar os ensinamentos advindos do mundo espiritual. Aqui no Brasil



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

teremos como expoentes Francisco Candido Xavier¹⁰ (Chico Xavier) já falecido, e Divaldo Pereira Franco¹¹. Ambos com inúmeras obras psicografadas. Sempre ligados a trabalhos sociais, uma característica típica do espiritismo no Brasil. É perceptível a existência de diferenças entre o espiritismo francês e o brasileiro.

Ainda segundo Lewgoy, ao chegar ao Brasil, o espiritismo ganhou novo formato, aparentemente do mesmo modo que o Candomblé e o Catolicismo, o espiritismo seguiu por um viés diferenciado do pensado por Kardec.

Kardec foi um homem das Luzes, que criou uma religião altamente relacionada com os ideais de sua época: **a laicidade, o progresso e o espírito científico**, tendo atraído cientistas e literatos. Nesse sentido, o espiritismo anunciava-se como uma religião natural, o que originou uma tensa e não resolvida relação entre demonstração experimental e revelação, que significa que seu prestígio era dependente da simpatia da

¹⁰ Cândido Xavier em todas as épocas nasceu em Pedro Leopoldo, modesta cidade de Minas Gerais, Brasil, em 2 de abril de 1910. Viveu, desde 1959, em Uberaba, no mesmo Estado, desencarnando no dia 30 de junho de 2002, dia em que o Brasil sagrou-se pentacampeão mundial de futebol. Seu desenlace ocorreu pacificamente, no próprio lar, onde foi encontrado sereno, ainda em atitude de prece a Deus. Conforme revelara a amigos mais íntimos, tinha o desejo de partir num dia em que o "povo brasileiro estivesse muito feliz".

¹¹ Divaldo Pereira Franco é natural de Feira de Santana, Bahia, Brasil. É reconhecido como um dos maiores médiuns e oradores espíritas da atualidade. Fundou, juntamente com seu fiel amigo Nilson de Souza Pereira, o Centro Espírita Caminho da Redenção e a Mansão do Caminho, que atendem a toda a comunidade do bairro de Pau da Lima, em Salvador, beneficiando milhares de doentes e necessitados.

comunidade intelectual pelo fenômeno. No caso brasileiro, houve dois deslocamentos importantes em relação ao cientificismo kardequiano: o deslocamento da ênfase na mensagem para a ênfase no carisma do médium e o deslocamento da comunicação espírita entre indivíduos desconhecidos num mesmo espaço mediúnico impessoal para a mediação relacional entre seres já ligados por nexos anteriores, geralmente familiares. Comparando a inserção do espiritismo nas histórias francesa e brasileira Aubrée e Laplantine (1990) mostraram que, comparada à França do século XIX, na sessão espírita no Brasil do século XX predominou um espaço familiar antes que um espaço impessoal. Por isso, as mães e mulheres, figuras centrais na mediação familiar, são tão importantes no desenrolar das sessões. (2008 p.86) (Grifos nossos)

Ao analisarmos a afirmação de Lewgoy devemos relativizar, pois a comunidade espírita não é una, existem as diferenças, pois tal qual as igrejas evangélicas, os centros espíritas podem seguir preceitos, e rituais diferentes. Para nós fica claro, e compramos a ideia do autor quando o mesmo afirma que o "nosso" espiritismo se deslocou e se distanciou do caráter mais científico, estando guiado para o caráter social. Muitos centros, inclusive os que participei durante meus sete anos de espiritismo, e observei para intento desta pesquisa promovem o assistencialismo como forma de suprir o mínimo necessário aos mais carentes.

A lacuna a respeito do Espiritismo brasileiro, aprofunda-se ao tratarmos do tema dinheiro e sexualidade na doutrina kardecista, onde, segundo a visão de alguns nomes



reconhecidos nacionalmente a mesma se furtaria em alargar essas discussões, poucos médiuns como a exemplo Divaldo Franco¹² e Chico Xavier¹³ enveredam por essas discussões, a própria classe reconhece a falta de pesquisas e discussões.

“Quando viajo para o estrangeiro e converso com os médiuns, os espíritos conversam abertamente de sexo e seus problemas. Aqui não. No Brasil nenhum espírito toca nesse assunto [...] Aqui só dizem: ‘vai tomar passe, vai tomar passe!...’”. Donde conclui: “Apesar dos espíritos terem tentado passar uma mensagem libertadora, aqui os médiuns eram católicos e a linguagem que usaram era própria de sua estrutura mental. Passou o que foi possível. O resto ficou cheio de catolicismo” (STOLL, p 180, 2005) (grifos nossos)

Podemos observar na fala de Luiz Gasparetto (2005) a afirmação da relação entre Espiritismo e Catolicismo, são duas religiões ainda imbricadas, os católicos levaram muito do seu *ethos* ao se converterem ao espiritismo, assim como afirma o próprio Gasparetto, eles usaram a estrutura mental do catolicismo para organizar e difundir a religião espírita, trazendo consigo os modos de verem e conviverem com os homossexuais, a fala de Gasparetto converge com o pensamento de Lewgoy, tendo em vista que mudanças e adaptações foram feitas.

¹² O livro mais divulgado que trata do tema é *Sexo e Obsessão*, psicografado pelo médium sendo o espírito Manoel Philomeno de Miranda o autor. 1ª em 2002.

¹³ O Médium psicografou *Sexo e Destino* por intermédio do espírito André Luis. 1ª edição em 1963.

A homossexualidade nas perspectivas religiosas

No mundo pós-moderno vivenciamos diversos processos sociais que mudam constantemente a face da nossa sociedade, mudam certos preceitos, conceitos e pré-conceitos. Aos poucos uma “minoría”¹⁴ vem se mostrando forte e organizada em prol dos seus direitos. Ser gay, homossexual, lésbica ou homoafetivo (independente do termo adotado) no Brasil ainda é complicado, uma vez que não existem leis direcionadas especificamente para esse grupo que é considerado “minoritário”, leis que garantiriam direitos iguais em relação ao casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, direito a adoção, e principalmente leis que criminalizem atos preconceituosos e de ódio contra homoafetivos.

Iniciativas isoladas¹⁵ já foram propostas em nível nacional, mas o que nos leva a refletir são propostas de leis que interferem de modo negativo na vida dessa “pequena” parcela da população: “Penso que são propostas de leis que tiram a liberdade do individuo ser o que deseja. São medidas, imposição de um modo de vida e

¹⁴ Adotamos a noção de minoria onde, minoria é a parte menos favorecida e representada nos processos decisórios, nas tomadas de decisão e de poder.

¹⁵ Plano Nacional de Promoção de Cidadania e Direitos Humanos LGBT. PL 5002/2013 – Lei João Nery



comportamento que tira qualquer tipo de liberdade do homoafetivo ser o que realmente é e deseja ser”, assim como registrado na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro- ALERJ, no ano de 2003, quando o então deputado estadual Edino Fonseca (PSC) Pastor da Assembleia de Deus apresentou projeto de lei de nº 717/2003 que reza em seu artigo 1º:

“Fica criado no âmbito do Estado do Rio de Janeiro o programa de auxílio às pessoas que voluntariamente optarem pela mudança da homossexualidade, ou de sua orientação sexual da homossexualidade para a heterossexualidade”.

O referido projeto foi aprovado nas Comissões de Constituições e Justiça e de Saúde, tendo o parecer favorável. Vale salientar que ambos os relatores são evangélicos e tinham ligação direta com a então governadora do Rio de Janeiro Rosângela Matheus que é ligada a “classe evangélica”.

A igreja Católica também tenta intervir em ações do Estado:

Também é conhecida a ingerência da Igreja Católica nas campanhas de prevenção da AIDS, em especial, o forte combate à distribuição de camisinhas, as quais, na visão dos clérigos, favorecem as relações homossexuais. A rejeição e o combate ao homossexualismo, todavia, não se restringe à hierarquia e nem mesmo ao grupo confessional dominante no país. (MACHADO, 2006. p. 104)

Assim, acredita-se que uma das fontes de repúdio ao homossexual estaria ligada diretamente aos preceitos bíblicos, onde estaria escrito que Deus fez o homem e a

mulher para crescerem e se multiplicarem, sendo assim, a prática do amor entre duas pessoas do mesmo sexo contrariaria os desígnios do “criador” e, essa prática levaria ao fim da família que tem sido vista como a base dos princípios religiosos (MACHADO 2006).

O campo dos estudos sobre homossexualidade e teoria Queer são mais recentes, datando de 1960, nos Estados Unidos. Devido a isso, parte da literatura usada é de origem norte-americana e ainda não se encontra traduzida, possuímos pequenos grupos de estudos no Brasil, a Associação Brasileira dos Estudos da Homocultura (ABEH), e outros que são voltados mais para o estudo de gênero e não necessariamente atrelado ao debate que pretendemos aqui fazer sobre religião e homossexualidade.

Este livro (Gays, Lésbicas, Transgenders: O caminho do Arco-Íris na cultura Norte americana) é de grande interesse para o leitor brasileiro por tratar das condições de surgimento e afirmação dos estudos sobre diversidade sexual e de gênero na literatura e na sociedade norte-americana, da década de 1960 para cá; diz respeito, portanto, a um fenômeno da contemporaneidade na sociedade que é, possivelmente, a mais emblemática no que se refere à noção mesma de contemporâneo (HÓRACIO COSTA, 2010, p. 01) Prefácio do livro.

Como antes afirmado, a sociedade muda, religiões surgem e outras desaparecem, o modo de ver o corpo já não é mais o mesmo, os gêneros sexuais estão cada vez mais ambíguos, e a família tão defendida



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pelas igrejas cristãs se reagrupa, emergem assim novos arranjos familiares. Maria das Dores Campos Machado (2006, p 102) nos afirma que “a modernidade favoreceu a emergência de “famílias individualizadas” e sujeitos individuais, mas esses processos foram e continuam marcados por contínuas tensões entre a autonomia das pessoas e as identidades coletivas ou a pertença a familiar”.

Religiosos ligados à classe política, orientados pelas suas crenças e dogmas tendo a família bíblica como base dos preceitos morais reafirmam suas posições contra os homossexuais:

Tradicionalmente, a família tem sido vista por igrejas de diferentes tradições como um espaço privilegiado de transmissão e/ou socialização de princípios religiosos, bem como de controle dos seus seguidores. Durante o século XX, o ideal de famílias cristãs no Brasil foi a família católica e nuclear composta por pai, mãe e filhos. Na perspectiva da igreja hegemônica, esse pequeno grupo doméstico está associado basicamente à função reprodutiva tanto física quanto cultural, e por isso temas como contracepção, divórcio, aborto e homossexualismo foram, e ainda são parcialmente, extremamente ameaçadores à instituição católica. (MACHADO, 2006. p. 103)

Entre os nossos políticos, o mais afeito atualmente aos embates enquanto aos direitos da classe LGBTs, é o Pastor Marcus Feliciano, observamos na mídia que os evangélicos é o grupo que toma a dianteira nas discussões, com posicionamentos contrários a classe que luta por direitos, tal como o reconhecimento do casamento civil.

Não observamos uma bancada católica, muito menos espírita, não obtive informações a respeito da afirmação religiosa de nossos senadores e deputados federais, mas obtive informações que afirmam que o preconceito ou resquícios dele existe entre praticantes do espiritismo, mas seria decorrente da sua antiga religião, assim afirma Da Luz.

É a maior parte das pessoas que chegam aqui elas não nasceram no espiritismo, elas já vem adultos, isso significa dizer que tem toda uma educação dogmática da religião que vieram, que já vem estruturando seu comportamento, eu acho que as pessoas vem pra cá pra aliviar, exorcizar dessas culpas, o espiritismo pode ajudar em praticamente tudo. Aqui você observa, analisa o comportamento pra poder aprender a interagir com outros, então pode lhe melhorar muitas coisas, na questão amorosa, na família, no trabalho, eu aprendo como uma doutrina de aperfeiçoamento, e não como obrigação para ter a garantia de um perdão.

Analisando a fala da nossa informante, podemos obter a ideia de uma tentativa em amenizar qualquer tentativa de macular ou rotular o espiritismo, ou culpa em relação ao tratamento dado aos homossexuais frequentadores de centro espírita, tal tema é chamado a ser pensado em um livro que se tornou um clássico de Divaldo Franco, ditado pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda, que abre as discussões apresentando as questões de número 200, 201 e 202 do Livro dos Espíritos, as mesmas tratam do sexo dos espíritos, afirmam que o mesmo não o possui, podendo reencarnar em ambos os sexos,



dependendo apenas de suas necessidade de evolução.

Fora essas três questões, não temos nenhuma discussão, a não ser em livros em maioria romances que trataram do tema sexo, seja ele hétero ou homo, apresentaremos uma passagem do livro citado a cima, ele elucida bem o pensamento do médium Divaldo Franco a respeito da homossexualidade, já que podemos observar a mesma ideia em vídeos postados no YouTube.

Face aos processos evolutivos, muitos espíritos transitam na condição homossexual, o que lhes permite comportamentos viciosos, estando previsto para o futuro, um número tão expressivo que chamará a atenção dos psicólogos, sociólogos, pedagogos que deverão investir melhores e mais amplos estudos em torno dos hábitos humanos e da sua conduta sexual. (Miranda e Franco. 2002, p. 193)

Como não pensar que exista homofobia entre os praticantes, e indo além, entre os grandes teóricos espíritas vivos?

Podemos prosseguir com Sollis:

Quer dizer que pode existir preconceito em outros centros?

Com certeza, com toda certeza, existem teóricos espíritas que consideram a homossexualidade e a bissexualidade uma doença, Manoel Philomeno de Miranda é bem preconceituoso, ele acha que a homossexualidade é uma condição a ser superada, mesmo se você pega teóricos como Chico Xavier nas décadas de 50, 60, você não vai ver o preconceito, ele vai encarar a condição sexual humana como naturais, já Sexo e destino de André Luis, Sexo e Obsessão de Manoel Philomeno de Miranda, Rosa e Azul de um psicólogo que não me recordo, e dos ícones que estão vivos, se você pegar a obra de Joana D'Angelis você vai ver uma mudança em

relação a sexualidade com o passar do tempo, ela nunca foi tão preconceituosa como é Manoel, mas Joana mudou de opinião ao longo do tempo e Divaldo Franco mudou de opinião junto, mas assim dentre as religiões que se dizem cristãs, porque o espiritismo não é cristã, pois os principais dogmas do cristianismo o espiritismo nega, mas dentro das religiões que se apropriam do cristianismo é a mais liberal, e tende a se tornar mais liberal ainda em relação ao homossexualismo nas próximas décadas, embora que eu possa dizer que entre as religiões do Brasil a mais liberal é a Umbanda, e das religiões não cristãs o Candomblé.

Sollis nos informa que pode existir sim o preconceito, mas que ele nunca viu ocorrer no centro que frequenta, mas que de fato pode acontecer em outros centros. Aqui podemos voltar ao nosso título, quando as sombras sufocam, não é porque não vemos, que não exista, podemos afirmar que a simples falta de discussão, ou, uma discussão voltada para o lado do biológico, onde o homem e a mulher devem seguir o que foi programado, ou seja a reprodução, é uma forma de desrespeito.

Os autores¹⁶ ainda nos levam a outra reflexão, que ao meu ver torna mais clara a ideia que os mesmo tem do sexo.

O sexo, por sua vez, porquanto carregado de sensações e de emoções, quando vilipendiado e exercido com ignorância das suas sagradas funções, transforma em geratriz de tormentos que dão curso a outros vícios e alucinações, empurrando as suas vítimas para as drogas, o álcool, a mentira, a traição, a infâmia e todo um séquito de misérias morais que entorpecem os

¹⁶ Faço menção ao espírito que dita, este desencarnado, e ao espírito de que escreve, este encarnado.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sentimentos e obnubliam a razão. Enquanto não houver um programa educativo baseado nas nobres finalidades da existência humana, cujo objetivo essencial é o progresso intelecto- moral e não a utilização do corpo para o prazer e a leviandade, permanecerão equivocados os valores éticos, sendo utilizados pelo egoísmo para o gozo e a insensatez. (MIRANDA E FRANCO, 2002, p. 43- 44)

Podemos estar fazendo uma leitura grosseira, mas ao nos depararmos com a frase, “suas sagradas funções”, nos leva a pensar a velha lógica bíblica, onde o homem e a mulher foram criados apenas para reproduzirem. Não estamos fazendo uma leitura descontextualizada, não foi por mero acaso que fomos mais adiante no livro, para depois citar algo que estivesse mais no início, todo o livro é percorrido por uma lógica heteronormativa. Indo a página dez do livro, encontraremos a seguinte frase.

“O sexo é departamento orgânico programado pela vida para a reprodução da espécie”, prossegue, “no entanto, quando se permite corromper ou desviar-se do rumo das suas funções, gera perturbações emocionais e psíquicas que lhe impõem duros processos de recuperação, de que não se pode furtar com facilidade. (MIRANDA E FRANCO 2002, p 10)

Ao nosso ver, fica claro a heteronormatividade contida nas palavras proferidas, esse livro foi escrito pelo médium mais importante na atualidade brasileira, tendo em vista que Chico Xavier morreu a mais de dez anos.

A visão kardecista proferida por Divaldo Franco observa a homossexualidade como um desvio, que pode ser provocado

pelo despreparo do espírito ao reencarnar, ou até mesmo por inimigos pretéritos que obsediam o ser encarnado, assim nos esclarece Roberto Lucio Vieira de Souza, em um artigo publicado na Revista da Associação Médico- Espírita do Brasil, intitulado: A visão Espírita da Homossexualidade: Quais os fatores que levam uma pessoa a sentir atração por outra do mesmo sexo? Como lidar com o homossexual?

O título por si só já vem carregado de um forte poder apelativo, como se fossem dá uma receita para lidar com os homossexuais, de forma a resolver esse problema, o autor argumenta:

Camilo, espírito orientador de J. Raul Teixeira, afirma que, “provenientes dos recônditos da alma, local em que se alocam reminiscências de desrespeito e de crimes hediondos cometidos contra as leis morais que são presentes nas consciências humanas ou, por outro lado, decorrentes de processos educacionais deletérios que se apoiaram em inclinações morais deficitárias e ainda não suficientemente amadurecidas para a verdadeira liberdade, os dramas homossexuais têm lugar na intimidade das criaturas largamente”. (p 42)

O autor deixa claro que as causas da homossexualidade reside em: causas morais, educacionais, obsessivas e psiquiátricas.

Causas morais:

“No campo das causas morais, encontramos aquelas criaturas que abusaram das faculdades genésicas tanto da posição masculina como da feminina, arruinando a

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

vida de outros indivíduos, destruindo uniões e lares diversos”. (42), De modo que devem reencarnar procurando uma nova forma de aprender a trabalhar o sexo, podendo ocorrer a homossexualidade, caso falhe em sua nova jornada.

As causas educacionais podem ser agrupadas em atávicas e atuais. A atávica é resultado de vivências repetitivas dos espíritos em culturas e comunidades onde a prática homossexual seria aceita e até estimulada, como na Grécia antiga e em certas tribos indígenas, ou nas sociedades culturais e religiosas que segregavam ou segregam seus membros, facilitando esse comportamento nas criaturas. (SOUZA, p, 42)

Podemos analisar a citação por um viés mais religioso e dogmático, as causas seriam inerentes ao espírito, transportando de uma encarnação para a outra o seu modo de ser, a citação a baixo reforça essa ideia, mas abre uma brecha para uma interpretação mais preconceituosa, tendo em vista que você é fruto do atual meio, de uma educação que foi falha.

Já dentro das atuais, temos aquelas causas advindas dos defeitos de educação nos lares, onde o comprometimento dos afetos já estaria presente anteriormente, em que as paixões deterioradas do passado tendem a levar pais e parentes ascendentes a estimularem posturas psicológicas e sexuais inversas ao seu estado físico em seus descendentes, sem que necessariamente ocorressem comportamentos ostensivamente incestuosos.

Sinto que é necessário uma última citação, não que tenham acabado as citações nesse viés, muito pelo contrário, o texto é

repleto delas, mas essa última citação faz uma ligação com o próximo tópico, o lado psicológico sendo chamado para explicar a questão da homossexualidade.

Outra causa está na presença de segmentos atuais da sociedade e da cultura estimulando esse tipo de conduta, quando uma linguagem mais política e sem qualquer comprometimento ético, através dos vários meios de comunicação de massa, estimula e condiciona as criaturas a acreditarem que essas vivências seriam uma postura natural, dependendo unicamente da escolha realizada pelo indivíduo. (SOUZA, p 43)

Trata a homossexualidade como algo que é aprendido via televisão, e outros meios da mídia, sendo apenas uma questão de escolha, não consigo ver distinção entre essa ideia com a ideia propagada pelos evangélicos que são a favor da “cura gay”.

Podemos previamente afirmar que algumas falas de nossos informantes corroboram com a ideia apresentada nessas citações, ao menos é o que podemos constatar ao ler ao questionarmos:

Pra você qual é a visão do espiritismo em relação ao sexo.

Quando eu cheguei no espiritismo era uma coisa já resolvida, eu acredito em vidas passadas, e nessa eu já vim com isso melhorado, eu tenho uma visão muito responsável do sexo, eu não faço sexo por atração, eu faço por além de atraída envolvida emocionalmente com essa pessoa. Tem que ser mais emocional do que atração, se não tiver não acontece. (Da Luz)

Existem variações no pensamento, Da Luz observa que o sexo, ao menos para ela deve ser algo mais emocional do que por



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

prazer, Baiano tem a concepção de que pode ser ruim, mas só quando feito de forma demasiada, mas afirma que é necessário, foge um pouco a visão espírita, o sexo não seria necessário, principalmente quando se atingi um certo patamar moral e espiritual, por isso os espíritos não possuiriam sexo definitivo.

Algo extremamente necessário. Confesso que adoro sexo e sei que o exagero, como tudo que é demais, tem seus resultados. (Baiano)

Sollis nos faz refletir melhor sobre a concepção do sexo:

Sexo sem dúvida é uma prática prazerosa, mas sem dúvida deve ser exercida com uma pessoa que no mínimo você possui uma simpatia, se você exercer o sexo por sexo, pra mim não é bom, você não precisa estar apaixonado, mas precisa ter uma química. (SOLLIS)

Uma prática que envolve o prazer, mas não conseguimos identificar em sua fala uma relação ligada a religião, pois o mesmo nos deixa a pensar que não é preciso o amor ou o afeto, mas apenas uma química, no nosso meio, essa palavra serve para afirmar que o beijo foi bom, que a pele tem um cheiro agradável, ou seja, que provavelmente o sexo seria algo prazeroso, não sendo necessariamente ligado a um fator emocional, mas apenas sexual.

Espiritismo E Gênero: Da Teoria À Prática

Os estudos direcionados as questões de gênero são de grande interesse na pós-modernidade, principalmente quando estão

relacionadas a temas delicados, no caso aqui, as religiões, tendo em vista que as mesmas têm passado por diversas transformações, entre elas o surgimento de novas religiões, tudo isso graças ao caráter dinâmico da sociedade na pós- modernidade. (você deveria explicar o que está chamando pós-modernidade, o autor de referência, por exemplo.) Se preferir denomine atualidade

Questiona-se o porquê de se estudar gênero como fato social, independente da resposta que se tem hoje, é necessário ressaltar a importância desses tipos de estudos para a nossa sociedade, tendo em vista o surgimento de vários gêneros, rompendo assim a dicotomia masculino – feminino. Hoje observamos o advento dos transgêneros, Joan Scott (1994) nos ensina sobre a importância de se compreender a sua importância social, nos apresentando o conceito do mesmo:

Gênero (...) tem duas partes e diversas subpartes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder (SCOTT, 1994: 13).

Por o gênero ser parte constituinte das relações sociais e de poder, é que atentamos para compreende como aqueles que nascem com o sexo masculino - e por razões que não

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



intentamos aqui compreender- enveredam em práticas sexuais e amorosas com pessoas do mesmo sexo, e como esse fato interfere na relação com a instituição religiosa escolhida para o estudo.

Eliane Borges Berutti (2010) nos leva a refletir e a conhecer os processos do surgimento e desenvolvimento de pesquisas e estudos relacionados à homocultura norte-americana e suas influências ainda que tímidas no Brasil, a autora cita Claude J. Summers onde o mesmo acredita que “a nova compreensão da sexualidade na história e na cultura que emergiu nos anos de 1980 e 1990 constitui uma das maiores conquistas intelectuais do último quartel do século XX” (p. 17).

Em uma pequena análise a respeito das nomenclaturas utilizadas para se “rotular” pessoas que sente desejo, amor e outros tipos de sentimento por uma pessoa do mesmo sexo, podemos refletir o modo pelo qual tais termos evoluíram até se chegar ao que iremos utilizar aqui, homossexual.

Costa mostrar ainda que o “homossexual” não passou de um personagem criado pelo imaginário popular, exercendo o papel de oposição ao ideal de masculinidade advogado pela família burguesa do século XIX (BERUTTI). John Boswell, historiador norte-americano, também critica o uso indiscriminado da palavra homossexual: “Gay”, em contraste, refere-se a pessoas que são conscientes de sua inclinação erótica por seu próprio gênero como característica distintiva; ou, de modo geral, as coisas associadas a tais pessoas, como, por

exemplo ‘poesia gay’ (BOSWELL in BERUTTI, 2010, p. 21)

Refazendo o processo histórico, Berutti nos informa o provável início de manifestações e a organização de homossexuais para reivindicar seus direitos nos Estados Unidos, e como sempre em toda revolução é necessário um estopim, nesse caso não seria diferente, “os turbulentos anos de 1960 proporcionaram o protesto social de que essa minoria sexual necessitava para desvelar-se, encontrar outras pessoas de orientação homoerótica e organizar-se com um fim político” (p. 38)

‘Stonewall’ é o evento emblemático na história moderna de lésbicas e gays. Local de uma série de revoltas, no fim de junho de 1969, resultado de uma batida de polícia em um bar gay do Greenwich Village, ‘stonewall’ tornou-se ao longo dos anos sinônimo de resistência gay contra a opressão. [...] As revoltas de 1969 são agora consideradas o nascimento do movimento político gay e lésbicas modernas-aquele momento em que gays e lésbicas reconheceram, de uma vez por todas seu maltrato e sua solidariedade. (BERUTTI, 2010, p. 38)

Ligando as duas temáticas, homossexualidade e religião¹⁷, temos Marcelo Natividade e Leandro de Oliveira *in* Intolerância Religiosa, Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro, que demonstrar a posição que o

¹⁷ Como já expresseo, existe uma lacuna gigantes nas discussões de gênero e Espiritismo, por isso usaremos como aporte teórico as discussões sobre a Umbanda e, Candomblé e catolicismo, religiões que mais se assemelham ao Espiritismo. Vale salientar que Espiritismo é a doutrina difundida por Allan Kardec, nenhuma outra religião pode requerer esse nome.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

homossexual tem dentro de religiões de possessão de matizes afro-brasileiras “os cultos afro-brasileiros são retratados, de modo geral, como formam religiosas mais flexíveis frente à homossexualidade” (p. 265) e prosseguindo:

(...) Esse universo religioso, por ter o seu prestígio assentado na ação do matriarcado das mães de santo, ofereceria aos homossexuais passivos a possibilidade de desempenhar papéis femininos, pois somente homens efeminados podiam exercer nos cultos a função de médiuns. Ele podia adquirir prestígio e status como líderes religiosos, compensando assim sua posição social inferior, ao ingressar na carreira religiosa de pai-de-santo. (LANDES in NATIVIDADE E OLIVEIRA in SILVA p. 266) rever essa forma de citação.

Destoando dessa ideia de valorização do homoafetivo, a Igreja Católica, por meio de documento oficiais demonstra a sua concepção e discordância ao ato homoafetivo:

A carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o atendimento Pastoral das Pessoas Homossexuais (2005), o Catecismo da Igreja Católica (2000) e os documentos Considerações sobre os Projetos de Reconhecimento Legal das Uniões entre Pessoas Homossexuais (2003) e Famílias, Matrimônio de “Uniões de Fato” (2001), referem-se às práticas homossexuais como atos intrinsecamente desordenados. Sinal de uma anomalia, a homossexualidade é fenômeno moral e socialmente preocupante que a igreja teria o dever social de combater, já que afeta a família cristã. (NATIVIDADE E OLIVERIA, 2007, p. 263)

Mesmo desaprovando os atos homossexuais, o catolicismo em 1986 em um dos primeiros documentos voltados para a questão, alerta que “acolhimento e respeito à pessoa homossexual, desaprovando, contudo, os atos homossexuais” (Natividade e Oliveria, 2007 nota de rodapé, p. 263), voltamos assim

a nossa questão problema, até onde se tolera ou aceita a presença do homossexuais em reunião espíritas, ou dentro da Religião como um todo, qual a participação dos mesmo na hierarquia dessas instituições?

Partimos no início do trabalho, com a hipótese de que o espiritismo “acolhe” melhor as pessoas com orientação sexual diferente, mas segue a mesma lógica católica ao criticar os atos homoafetivos, uma forma de preconceito seria relegar esses debates as sombras, ao campo do esquecimento, pois, pouco se publica (a não ser romances) sobre esse tema, e as poucas publicações vem com um ranço muito forte, carregado da ideia de mudar as ações e práticas homossexuais.

Natividade e Oliveira ao apontar procedimentos de pesquisas antes realizadas, onde “pessoas com orientação não heterossexual tende a migrar da religião que foram socializadas (católica ou evangélica) para crenças espíritas (Kardecismo e cultos afro-brasileiros) ou abandonar a religião” (p. 264), Sérgio Carrara ainda ressalta que isso tende a acontecer entre os mais jovens, considerando ainda que essa tendência pode estar diretamente relacionada ao caráter excludente das religiões cristã (catolicismo e protestantismo) tendo em vista que a mesma é vista como “portadora de um sentimento anti-homossexual, de uma doutrina moral que vincula as práticas sexuais à reprodução



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

biológica, condenando o prazer sexual” (Natividade e Oliveria, p. 273).

Sendo assim há necessidade sempre crescente de estudar os fatos que lavam a sociedade não apenas escolher religião A ou B, mais sim refletir o que pensam os praticantes das mesmas tendo em vista a sua cultura.

José Jorge de Carvalho (1999) nos leva a refletir por outra perspectiva, ele relata o “boom” cada vez mais crescente das religiões tradicionais como o Protestantismo e o Catolicismo em suas diferentes formas de ser (Brandão 2004) e as novas formas de cultuar a Deus ou aos Deuses.

Como ponto de partida, sustento que o Brasil oferece um panorama extremamente vasto das transformações da esfera religiosas ocorridas a partir desse momento em aberto no tempo do Ocidente que costumamos chamar de modernidade. Do catolicismo e do protestantismo mais tradicionais aos estilos de cultos cristãos calcados na indústria cultural e no simulacro televisivo; das tradições religiosas afro-brasileiras mais ortodoxas, como o candomblé, o xangô, o batuque e o tambor de mina, às variantes mais sincréticas, híbridas ou imaginativas, como a umbanda, jurema, a umbanda esotérica, etc; dos grupos religiosos altamente etnicizantes e fechados, como os de muitas nações indígenas, aos novos movimentos internacionais ou cosmopolitas, tais como os da Nova Era; de discursos teológicos extremamente inovadores e radicais, como os da Teologia da Libertação a várias formas conservadoras e mesmo fundamentalistas de valores cristãos, tanto católicos quanto protestantes; além de tudo isso, ricas tradições orais e míticas, como os frequentes surtos messiânicos e as práticas chamânicas que se expandem para além de seu contexto indígena original. (CARVALHO, 1999. p. 2)

Acredita-se hoje entre alguns teóricos das Ciências Sociais, Carvalho (1999), Brandão (2004), eu especialmente, que a religião que mais se transformou foi a católica, de fato houveram mudanças.

O Catolicismo e a sua Igreja Católica Apostólica e Romana são considerados até hoje como o sistema religioso e a instituição confessional demograficamente majoritários e culturalmente hegemônicos. Conhecemos todos uma divisão entre um catolicismo erudito ou oficial e um catolicismo popular, que alguns estudiosos preferem chamar: catolicismo de folk. Convivemos na atualidade com vários estilos culturais de “ser católico”. Mesmo no interior de um catolicismo mais canônico, praticado em linha direta de relação com o corpo sacerdotal, subsistem modalidades de tendências não raro de difícil integração no corpus de doutrina, gestos e ritos de uma mesma religião e de uma mesma igreja. Olhado de perto, isto a que damos o nome de catolicismo popular possui tantos matizes quantas são as culturas em que vivem as suas pessoas reais: no campo ou na cidade, na Amazônia ou em Minas Gerais, em áreas de uma marcada influência de tradições negras, como a Bahia, ou de migrantes italianos, como em São Paulo. (BRANDÃO, 2004, p. 268)

Tais mudanças são sentidas no discurso de padre que por tradição são mais próximos da população, especialmente depois da escolha do novo papa, Francisco começou a dialogar sobre temas antes engolido pelas sombras, tais como homossexualidade, o mesmo afirmou em pergunta de uma repórter brasileira sobre o famoso lobby gay dentro do Vaticano, que ele não era ninguém para condenar os homossexuais.

Já o Espiritismo cresceu sem fazer barulho, no censo de 2000 constatou que

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

cerca de 2.262.000 se autodeclararam espíritas, já em 2010 esse número sobe para 3.848.876 de autodeclarantes espíritas, desses, 1.581.701 são homens e 2.267.176 mulheres, desse total 31% possuem ensino superior completo, sendo a religião com os melhores indicadores de educação.

Outra questão interessante no que tange ao Espiritismo é o pouco estudo desenvolvido até o presente momento, que de fato foi o que nos chamou a atenção, como uma Religião que sempre foi tão próxima, as vezes confundida com o Candomblé ou Umbanda, nunca teve a devida atenção como tais religiões? Principalmente no tocante ao tema homossexualidade.

Quanto ao espiritismo, trata-se de um movimento que ainda não foi suficientemente enfatizado no seu papel de constitutivo de grande parte da religiosidade brasileira, na medida em que teve uma enorme receptividade no Brasil desde os primeiros anos de seu desenvolvimento na França por Alan Kardec, na década de sessenta do século dezanove e cuja influência é ainda crescente na conformação de um código religioso com características brasileiras. (CARVALHO, 1999, p. 4)

Constata-se que o Espiritismo esta em ampla expansão¹⁸, agregando pessoas das mais diversificadas classes sociais. A base moral e espiritual da doutrina Espírita encontra-se nos livros do Pentateuco Espírita – O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o

¹⁸ Dados do IBGE. População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião - Brasil – 2010.

Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese – todos codificados por Allan Kardec, em análises enquanto fiel e posteriormente pesquisador, encontramos em apenas um momento, ou melhor, nas perguntas 200, 201 e 202 no Livro dos Espíritos referencia ao sexo nos espíritos. Só discutindo o tema em livros periféricos, tais como Sexo e Destino de Chico Xavier, e Sexo e Obsessão de Divaldo Pereira Franco.

200- Os Espíritos tem sexo?

- Não como entendeis, pois, os sexos dependem do organismo. Entre eles há amor e simpatia baseados na identidade de sentimentos.

201- O Espírito que animou o corpo de um homem, em nova existência, pode animar o de uma mulher e vice-versa?

- Sim, são os mesmos Espíritos que animam os homens e mulheres.

202- Quando se é Espírito, prefere-se encarnar no corpo de um homem ou de uma mulher?

- Isso pouco importa ao Espírito; ele escolhe segundo as provas que deve suportar.

Assim, a própria doutrina nos forneceu questionamentos, já que não nos baseamos apenas no que está escrito, mas principalmente nas palestras proferidas durante as sessões públicas, pois, poucas vezes ou quase nunca o tema sexo ou homossexualidade é apresentado ou debatido.

Ser ou não ser, eis a questão

Como forma de apresentar o Espiritismo, descreveremos as atividades de um Centro espírita, assim poderemos observar na prática o que foi descrito por Lewgoy. O



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Centro¹⁹ promove o sopão, realiza reuniões com gestantes, promovendo a distribuição de kits para as mesmas e os futuros filhos. Promove também, a campanha do quilo, onde são entregues cestas básicas às famílias carentes, a campanha do agasalho, no período de inverno. O centro promove, ainda, bazares como forma de arrecadar cobertores e roupas para os que dormem nas ruas. O centro etnografado aceita doações de órgãos públicos, desde que as mesmas sejam revertidas para os mais necessitados.

Todo esse trabalho é direcionado para qualquer pessoa ou família, independente de sua religião, não sendo cobrado que os mesmo se convertam ao espiritismo, pois essa religião afirma que todos um dia iram chegar ao espiritismo, seja pelo amor, ou pela dor, como podemos observar em falas, em livros em reuniões, acredita-se que o Espiritismo seja o futuro das Religiões, e não a Religião do futuro, como se as demais religiões fossem aos poucos convergir, fundindo-se ao

espiritismo, chegando ao tão sonhado progresso, mais uma máxima dessa religião.

O Centro espírita dispõem de outros serviços, oferece cursos e atendimentos espirituais, Reuniões doutrinárias e de atendimento espiritual. Evangelização Infanto-juvenil. Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, e demais ações.

Observamos essas ações como uma preparação do neófito para a inserção na religião, não é obrigatório a participação nos mesmos, mas observamos que aqueles que o fazem acabam se integrando de forma mais solida ao grupo, diferente daqueles que apenas participam aos sábados ou as terças-feiras das reuniões públicas. A participação nos grupos de estudo, e de trabalhos sociais, podem influenciar na hierarquia do Centro, mesmo que não seja claramente estratificado, podemos observar uma hierarquização, mesmo que de forma sutil.

Lewgoy exemplifica e explica:

Um jovem casal, com pouco tempo de grupo tendia a monopolizar a palavra, polarizando em todos os debates. Alguns membros mais antigos do grupo se incomodavam com as falas frequentes dos dois e uma pergunta que se ouvia era “quem é ele?” ou então “de papo ele é muito bom, quero ver na prática”, que poderia ser traduzida como “com que direito ele usa a palavra como um interlocutor ratificado dentro deste grupo?” Sendo o espiritismo um sistema formalmente igualitário, a estruturação hierárquica é implícita, o que se estende ao direito de uso e ao modo de expressão verbal, cabendo aos participantes ter o senso de seu lugar nos grupos de que participam. Ali conta mais a trajetória no espiritismo, as referências morais de cada um, do que o que

¹⁹ O Centro é uma associação civil e religiosa, sem fins lucrativos, com duração por tempo indeterminado e de caráter beneficente, filantrópico, que pode constituir-se por número ilimitado de associados efetivos e contribuintes, com foro na cidade de Campina Grande, Estado da Paraíba, o “Centro” tem por finalidade o estudo, a prática e a divulgação do Espiritismo codificado por Allan Kardec. Suas atividades e trabalhos, vinculados à comunidade em que se situa, a fez reconhecida como de utilidade pública pela Lei municipal de nº 3.676, aprovada na Câmara Legislativa do Município desta cidade, em 05 de maio de 1999.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

era percebido como verbosidade vazia, através de uma linguagem hierárquica antiintelectualista que controlava moralmente os eventuais brilhos não-autorizados dentro do grupo. (p 270, 2004)

Tal ideia é reforçada mais uma vez por nossos informantes, assim, Sollis (31 anos, homossexual) nos diz:

Eu acho os estudos do Centro espírita muito básico, se eles reconhecessem a sumidade e o autodidata que eu sou, e pulassem as etapas, aí eu poderia ir pra mediúnica, não, eu to brincando, eu fui a um curso, eu não tenho paciência de estudar espiritismo básico, e assim, eu entendo que seja o ritual deles, mas é muito chato você estudar o que você já sabe, o Bêaba todo. (Baiano, 28 anos, homossexual)

O que me impede de participar é a burocracia kardecistas. Sei que não basta dizer que é médium, vindo de não sei lá onde e entrar em um grupo já formado. Estando aqui, me sinto bem no centro que frequento, mas não seguro para me pôr nos grupos de estudo. É um entrave besta, que só me impede de oferecer o que Deus me deu, mas é assim que me sinto.

Assim, o constante contato entre neófitos e estabelecidos cria laços que podem perdura, do mesmo modo podemos notar que a simples presença aos sábados, dia de maior público, sempre com uma palestra bem direcionada, sempre ligada a questões que podemos encontrar no Pentateuco espírita, que é composto pelos livros: dos Espíritos, dos Médiuns, o Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e O Inferno, e por fim a Gênese, não garante uma coesão social entre os frequentadores esporádicos e os frequentadores estabelecidos.

O Centro espírita é um lugar de convergência de diferentes segmentos sociais.

Lá encontramos pessoas de níveis sociais, etnias diferenciados/as. Por esta característica aparente, o Centro não é um lugar de exclusão e segregação. Entretanto, conforme demonstramos nesse trabalho, o fato de haver homossexuais “as sombras” nos leva a questionar o caráter dessa suposta não segregação, não é um lugar de exclusão e segregação, podemos afirmar que só aparentemente, nosso trabalho monográfico tentará abordar como pessoas que se apresentam socialmente como homossexuais se portam e são recebidos no centro, seja em sessões públicas ou em momentos específicos como nos cursos de formação e de estudos.

Partimos da hipótese de que existe e é sabida a existência de homossexuais na religião espírita, não só como frequentadores de sessões públicas, mas dentro de sua estrutura, sendo estes em menor número, principalmente entre aqueles que assumem um posicionamento político e social enquanto homossexual, acreditamos principalmente que, as discussões sobre a homoafetividade e práticas homossexuais são lançadas as sombras, como uma forma de preservar o fiel homoafetivo, ao mesmo tempo preservar a imagem da instituição e da religião, não sendo diferente com suas ações, em relação ao catolicismo e ao protestantismo.

Em nossas entrevistas, conseguimos relatos que sugerem desde a inexistência do



preconceito, ao preconceito velado, seja nos centros, durante as reuniões, como também na própria literatura, onde alguns teóricos espíritas expressão suas ideias de forma preconceituosa.

CONSIDERAÇÕES E RESULTADOS

Não podemos, nem pretendemos fazer afirmações absolutas em relação a conclusão da nossa pesquisa. Somos conscientes do nosso esforço em buscar argumentos, teorias e dados que pudéssemos dialogar, no sentido de possibilitar maior segurança na comprovação ou nos limites de nosso problema.

Consideramos que essa pesquisa nos possibilitou percorrermos um caminho "de luzes e sombras", pois, considerando a difícil trajetória de acesso às informações, abrimos portas que se traduzem em possibilidades de novas perguntas ao objeto, portanto de futuros aprofundamentos. A pesquisa nos possibilitou alcançar algumas conclusões as quais consideramos relevantes ao estudo. Constatamos que, é possível existir a homofobia e a discriminação, pois já é fato há alguns anos. Entretanto, o fato de poder acontecer, não quer dizer que ocorra em todos os centros espíritas, já que os Centros Espíritas são descentralizados, assim como são as igrejas evangélicas. Cada centro possui uma direção, e a ideologia do lugar será escolhida estabelecida por seus diretores.

Foi-nos possível observar a reserva de um jovem homossexual, em relação a se colocar sobre o assunto. Embora não tenha sido possível constatar os motivos de tamanha reserva, entretanto, pudemos sinalizar que a constatação da falta de discussão sobre esse tema nos centros onde essas pessoas estão vinculada, pode se traduzir num quadro de dúvidas e mesmo de suposto medo das pessoas se colocarem sobre o assunto.

Diante das conclusões obtidas, consideramos o trabalho proveitoso, e relevante enquanto provocador de reflexões, no sentido de continuarmos o aprofundamento acerca da homossexualidade no universo da religião espírita. Continuar a análise deste tema, buscar novos informantes, novos centros, tentar "desvendar as sombras", buscando respostas para nossas inquietações acadêmicas e pessoais é o nosso intuito.

Referências

- AGUIAR, Flávio. Homossexualidade e repressão. In: MANTEGA, Guido. (Org.). Sexo e poder. São Paulo: Brasiliense, 1979. p. 139-155.
- ALMEIDA, Sérgio José Alves de. Michê. 1984. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)—Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1984. Pesquisa pioneira sobre prostitutos masculinos em São Paulo.
- ARÁN, Márcia. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. In: Revista Estudos Feministas, 11 (2) Florianópolis: UFSC, 2003. Pp. 399-422.
- BARBOSA FILHO, M. B. Técnicas e instrumentos. In: BARBOSA FILHO, M. B.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

- Introdução à Pesquisa. 3. ed. João pessoa: União, 1994.
- BERUTTI, Eliane Borges. Gays, Lésbicas, Transgenders: O caminho do Arco- Íris na Cultura Norte- Americana. Editora da UERJ. 2010.
- BIRMAN, Patrícia. Fazer estilo criando gêneros: estudo sobre a construção religiosa da possessão e da diferença de gêneros em terreiros de Umbanda e Candomblé no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; UERJ, 1995.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues, Fronteiras da Fé– Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. Estudos avançados 2004.
- BONI, V.; QUARESMA, S. Aprendendo a fazer entrevistas em Ciências Sociais. Sociotextos. João Pessoa, 2010. CD-ROM.
- BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2008.
- CARRARA, Sérgio & SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e Política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. Cadernos pagu (28), janeiro-junho de 2007:65-99.
- CARVALHO, José Jorge de. UM ESPAÇO PÚBLICO ENCANTADO. PLURALIDADE RELIGIOSA E MODERNIDADE NO BRASIL. SÉRIE ANTROPOLOGIA Nº 29, Brasília 1999.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. HEILBORN, Maria Luiza. BARROS, Myriam Lins de. PEIXOTO, Clarice. FAMÍLIA E RELIGIÃO. Editora contra capa, 2006.
- DURKHEIM, Émile. Sociologia e Filosofia. Cone editora. 2004.
- _____As Formas Elementares da Vida Religiosa.
- ELIADE, Micea. O Corpo, O caminho de Eros, do Sexo e da Sensualidade in ELKIN N. David. Além da Religião. Um programa personalizado para o desenvolvimento de uma vida espiritualizada fora dos quadros da religião tradicional. Editora Pensamento. São Paulo 2005.
- FEBP, Federação Espírita Paraibana < <http://www.fepb.org.br/estrutura-funcional/centros-espiritas/?cidade=Campina+Grande+PB&bairro=Todos+os+bairros>>. Acessado em: 18 de outubro de 2014.
- FILHO, Fernando Pinheiro. A Noção de Representação em Durkheim. Lua Nova. 2004.
- FRANCISCO, Jomário Pereira. Homossexualidade e Espiritismo: Quando as Sombras Sufocam. Monografia de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Campina Grande. Ciências Sociais. 2014.
- FRANCO, Divaldo Pereira. Sexo e Obsessão. Editora Leal. 2002.
- FOUCUALT, Michel. História da Sexualidade. Paz e Terra. 2014. _____ A Microfísica do Poder. Paz e Terra. 2014.
- GIDDENS, Anthony. Modernidade e Identidade. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 2002. _____As consequências da modernidade. São Paulo: UNESP, 1991. _____As transformações da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.
- GUIMARÃES, Carmen Dora. O Homossexual Visto por Entendidos. Garamond Universitária. 2004.
- GUIUMBELLI, Emerson. A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil. Relig. soc. vol.28 no.2 Rio de Janeiro 2008.
- _____ Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. Rev. Antropol. vol.40 n.2 São Paulo 1997.
- IBGE. Sinopse do Censo Demográfico 2010. Disponível em < <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2011.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. (2006)
- KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Editora Petit. 1997.
- _____ O Livro dos Espíritos. Editora Petit. 1997.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

_____. O Livro dos Médiuns. Editora Petit. 1997.

LACERDA, Marcos, PEREIRA, Cícero, CAMINO, Leôncio. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. Psicologia: Reflexões e Críticas, 2002.

LEMO, Fernanda. Religião e Masculinidade: Identidades plurais a modernidade. Fortune. Santo André. 2009.

LEWGOY, Bernado. A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicia. Relig. soc. vol.28 no.1 Rio de Janeiro July 2008.

_____. Chico Xavier e a Cultura Brasileira. Rev. Antropol. vol.44 no.1 São

Paulo 2001. _____ Etnografia da leitura num grupo de estudos espírita. Horiz. antropol. vol.10 no.22 Porto Alegre July/Dec. 2004.

LIMA, Délcio Monteiro de. Os homoeróticos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

MACHADO, Maria das Dores Campos; PICCOLO, Fernanda Delvalhas; NETO; José Pedro Simões; ZUCCO; Luciana Patricia; ALVES, Andrea Moraes. As Lideranças mediúnicas e o debate sobre as homossexualidade in: Religiões e homossexualidades. FGV. 2010. Org. Maria das Dores Campos Machado e Fernanda Delvalhas Piccolo.

MACHADO, Maria das Dores Campos; PICCOLO, Fernanda Delvalhas; BARROS, Myriam Moraes Lins de; ZUCCO, Luciana Patricia. Sexualidade e gênero: os discursos das lideranças religiosas in: Religiões e homossexualidades. FGV. 2010. Org. Maria das Dores Campos Machado e Fernanda Delvalhas Piccolo.

MAIOR, Armando Souto. Espiritismo ontem e hoje. In Brandão Sylvana (Org). História das Religiões. Vol. 1 CEHILA. Ed. Universitária UFPE, 2002.

MATORY, James Lorand. Homens montados: homossexualidade e simbolismo da possessão nas religiões afro-brasileiras. In: REIS, João José (Org.). Escravidão e

invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil. São Paulo: Brasiliense; Rio de Janeiro: CNPq, 1988. p. 215-231.

MAUÉ, Raymundo Herald. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. Estudos avançados 2005.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S. (Orgs.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOUTINHO, Laura. Homossexualidade, Cor e Religiosidade: Flerte Entre o “Povo de Santo” no Rio de Janeiro. in Sexualidade, Família e Ethos Religioso. Garamond Editora. 2005.

NATIVIDADES, Marcelo. Homossexualidade Masculina e Experiência Religiosa Pentecostal in Sexualidade, Família e Ethos Religioso. Garamond Editora. 2005.

OLIVEIRA, Pedro Paulo Martins de. Discursos sobre masculinidade. Belo horizonte: UFMG/Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004. 347 p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo. Editora Unesp.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Intolerância Religiosa. Impactos do neopentecostalismo no campo religioso. Edusp. SP, 2007.

SCOTT, Joan W. Preface a gender and politics of history. Cadernos Pagu, nº. 3, Campinas/SP 1994.

_____. “Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.” Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

STOLL, Sandra Jacqueline. O Espiritismo na Encruzilhada: mediunidade com fins lucrativos?: in REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 176-185, setembro/novembro 2005.

_____. Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação. IN ESTUDOS AVANÇADOS 18 (52), 2004.

_____. Religião, ciência ou auto-ajuda? Trajetos do Espiritismo no Brasil. Rev. Antropol. vol.45 no.2 São Paulo 2002.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

TEIXEIRA, Maria Lina Leão. *Transas de um povo-de-santo: um estudo sobre identidades sexuais*. 1986. Dissertação (Mestrado em Antropologia)—Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. *Lorogum: identidades sexuais e poder no Candomblé*. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. (Org.). *Candomblé: religião do corpo e da alma*. Rio de Janeiro: Pallas, 2000. p. 197- 225.

TOTA, Martinho. *Contingência ou verdade? Algumas autodefinições da homossexualidade in Gênero e Identidades Sexuais. Práticas e Representações Sociais*. Organizadores: Fábio Ronaldo da Silva, Rosilene Dias Montenegro, Sandra Raquew dos Santos. 2012. pág.143-172.

